

Uma câmara só para alguns

O uso da expressão “música de câmara” data de meados do século XVII e deriva das câmaras (salas particulares) em que tocavam pequenos grupos de músicos. Ao contrário das apresentações em igrejas ou teatros, abertas ao público, aquelas sessões se destinavam ao prazer dos próprios executantes e ao de grupos seletos — compostos por indivíduos que, possivelmente, se conheciam e se visitavam — formados em torno deles.

O número dos participantes de um conjunto de câmara (que pode trabalhar também com vozes) oscila de dois a trinta (ou mais) executantes. Mas sua característica permanecerá sendo certa economia dos meios de expressão musical, por oposição ao grande coro e à grande orquestra, que reúnem todos, ou quase todos, os recursos sonoros disponíveis no âmbito, da tradição erudita.

Formações camerísticas podem ser o duo (piano e violino, por exemplo), o trio (violino, viola e violoncelo; ou oboé, clarineta e fagote), o quarteto (o de cordas, com dois violinos, viola e violoncelo, é formação a que destinam algumas das mais importantes obras de câmara), além dos sextetos, septetos e octetos. Aaron Copland e Igor Stravinski, autores que trabalharam ao longe deste século, são dois dos inventores musicais que utilizaram a formação camerística do noneto.

Conjuntos instrumentais em que se contam de dez a 30 instrumentos (cordas, madeiras, metais ou combinação desses grupos), são atualmente conhecidos como orquestras de câmara. Neste caso está a Orquestra Camerata da EMB. (Fernando Marques)